

A ARQUEGENEALOGIA COMO CRÍTICA À  
INSTRUMENTALIZAÇÃO DO PENSAMENTO:  
BREVE ANÁLISE DE TRÊS VERDADES DO  
DISCURSO PROGRESSISTA

ARCHEGENEALOGY AS A CRITIC TO THE  
INSTRUMENTALIZATION OF THOUGHT:  
BRIEF ANALYSIS OF THREE TRUTHS OF  
PROGRESSIST DISCOURSE

João KOGAWA<sup>1</sup>

Dênis SILVA<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo, analisamos três interdições do discurso progressista que, à luz da arqueogenealogia foucaultiana, inviabilizam a auto constituição do sujeito racional. Isso se configura em um setor específico do discurso progressista atrelado ao político, mais particularmente, à opção partidária. Nesse sentido, tanto o conservador quanto o progressista operam na mesma lógica, a saber: (i) interditando a moderação (verdade nº 1); (ii) restringindo a existência ao político e o político ao partidário (verdade nº 2); (iii) impondo a união como forma de garantir um pensamento homogêneo (verdade nº 3). Tomamos como materialidade comentários que circularam na internet sobre a entrevista concedida por Ney Matogrosso ao jornal *O Globo* em 11 de julho de 2021.

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo. Coordenador do GP/CNPQ *Semiologia & Discurso*. <https://orcid.org/0000-0001-8285-9932>. E-mail: kogawa@unifesp.br

<sup>2</sup> Aluno do curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo. Bolsista PIBIC/CNPQ Unifesp emembro do GP/CNPQ *Semiologia & Discurso*. <https://orcid.org/0000-0001-7965-4071>. E-mail: denis.silva@unifesp.br



## PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Progressismo. Sujeito. Verdade.

## ABSTRACT

In this article, we analyze three interdictions of the progressive discourse that, in the light of Foucauldian archegenealogy, make the self-constitution of the subject as rational unfeasible. This is configured in a specific sector of progressive discourse linked to politics, more particularly, to the partisan option. In this sense, both the conservative and the progressive operate in the same logic, namely: (i) prohibiting moderation (truth nº1); (ii) restricting existence to the political and the political to the partisanship (truth nº 2); (iii) imposing union as a way of guaranteeing homogeneous thinking (truth nº3). We take as materiality comments that circulated on the internet about the interview given by Ney Matogrosso to the newspaper *O Globo* on July 11, 2021.

## KEYWORDS

Discourse. Progressivism. Subject. Truth.

## A ARQUEGENEALOGIA NÃO CABE NA CAIXA

*A todos o santuário dos deuses é defesa universal  
(EURÍPIDES, Heraclidas, 260).*

O paradigma da expressão escancarado nas redes sociais, longe de dar vazão à tão sonhada liberdade de “ser o que quisermos”, é mais um espaço para padronizações culturais e formas de controle tão limitadas quanto as de décadas atrás. As verdades nunca deixaram de existir e a cobrança pela expressão, tanto quanto antes, tem parâmetros aspirados de comportamento ditados por orientações ideológicas.

Este artigo procura responder à pergunta temática do *dossier* que o encampa, a saber: “A partir do momento em que, numa cultura, há um discurso verdadeiro sobre o sujeito, que experiência o sujeito faz de si mesmo e que relação o sujeito tem a respeito de si mesmo em função dessa existência de fato de um discurso verdadeiro sobre ele?” (FOUCAULT, 2016, p. 12). Esta



pergunta, à luz da própria obra foucaultiana, pode ser complexificada pela pluralização do termo “verdade”. Não diríamos “um discurso verdadeiro sobre o sujeito”, mas “discursos verdadeiros”, regulados e em disputa, que se apresentam como o último reduto para um modo acertado de existência.

A *démarche* foucaultiana não cabe em caixas e, cada vez que se tenta justificar uma posição político-partidária a partir de sua obra, uma parte dessa mesma obra morre. Há uma clara discrepância entre o progressismo dominante<sup>3</sup> de nossos dias – com seu santuário dos deuses à prova de divergência – e as questões que Foucault levanta em suas reflexões. Muito distante do sujeito limitado pela consciência de classe ou pela fixidez identitária engajada e militante, a arqueogenealogia, pelo próprio fazer investigativo e perscrutante através dos saberes, é um convite à existência aberta. Sob essa perspectiva, a vida não é bela nem feia; é o que é. Se o que é precisa deixar de ser, é no confronto do sujeito com as evidências que querem lhe aprisionar que as coisas se passam. Toda consciência mais ou menos estabelecida e validada pela obviedade da aceitação do grupo – seja ele qual for – já está aprisionada.

Nesse sentido, este artigo investiga a retomada de uma entrevista concedida pelo artista brasileiro Ney Matogrosso ao jornal *O Globo*, em 11 de julho de 2021<sup>4</sup>. Mais particularmente, analisamos o discurso progressista inscrito em comentários que rejeitaram a opção política do cantor, que pode

---

<sup>3</sup> Referimo-nos ao progressismo dominante – firmado no identitarismo (LILLA, 2018) e na consciência de classe – em relação a outros progressismos. Em relação ao conservadorismo, não cabe comparação porque se trata de um discurso que admite a limitação da liberdade em função do que é tradicional. Cumpre observar ainda que não se trata aqui de economia, portanto, o chavão conservador “liberal na economia e conservador nos costumes” não cabe, pois se trata apenas do que poderíamos chamar, genericamente, de “costumes”.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://glo.bo/3D6rzyD>.



ser sintetizada pelo enunciado “Qual era minha opção?”. Esses comentários – postados na matéria intitulada: “Ney Matogrosso diz não se arrepender de ter anulado voto no 2º turno em 2018: ‘qual era minha opção?’<sup>5</sup>” – formam uma verdade sobre para o sujeito no discurso progressista.

A obra de Foucault é um caminho produtivo para a investigação crítica desse tipo de funcionamento discursivo, pois, embora desnude a natureza histórica de verdades tidas como universais, não se deixa apreender por radicalismos. A arqueogenealogia proporciona um olhar crítico aidentitarismo que circunscreve o sujeito a um como ser/falar/pensar. E isso na exata medida em que, pela análise crítica de enunciados, emerge a possibilidade de sermos outra coisa, ou seja, de nos desidentificarmos. É com base nisso que as verdades inquestionáveis do progressismo inscritas nos comentários à fala do artista brasileiro serão postas em perspectiva. Apesar de partirmos de algo concreto – a fala de Ney e os comentários a seu respeito – nossa análise nada tem a ver com elogio ou crítica a pessoas, pois, a posição do artista não é exclusiva dele. Trata-se, antes, de um funcionamento supraindividual tanto no que diz respeito ao enunciado “Qual era minha opção?” quanto no que concerne aos comentários que o rejeitaram.

### **VERDADE Nº 1: É PROIBIDO SER MODERADO!**

*Longa é a injúria; variados os fatos (VIRGÍLIO, Eneida, I,341-342).*

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://bit.ly/346HSQ6>. Acesso em 05/03/2022.

Com a pressão popular contra o atual governo de direita capitaneado por Bolsonaro<sup>6</sup>, as manifestações públicas na internet impulsionaram um debate moralista que articulou – e articula ainda – consciência de classe, identitarismo e política: “[...] nós nos envolvemos com o mundo, e com a política, em particular, com o limitado objetivo de compreender e afirmar aquilo que já somos” (LILLA, 2018, p. 70). Nesse cenário polarizado, polêmicas político-partidárias envolvendo figuras de destaque como atores, cantores, jogadores de futebol, *youtubers*, etc. ganham destaque. Tais polêmicas não surgem a bel prazer de A ou de B, mas em função de discursividades bem estabelecidas nos planos progressista e conservador, ou seja, trata-se de algo mais profundo e enraizado socialmente. O artista cobrado por suas posições não o é em função do zelo para com sua imagem, mas pela própria vontade de legitimidade do discurso que o empareda.

O comentário nada mais é do que a versão contemporânea do dedo de César do tempo dos gladiadores e explicita a aceitação ou o cancelamento de um determinado artista à luz do conceito mais ou menos estabelecido de “consciência de classe”. Isto é, se um determinado personagem público “trai” um ideal de expectativa nele depositado por um determinado grupo, emerge uma rejeição – quase sempre seguida por agressões verbais – ao indivíduo por meio de comentários ou reações interativas disponíveis nas plataformas digitais.

---

<sup>6</sup> AGOSTINE, Cristiane. Bolsonaro bate novo recorde de rejeição e chega a 55%, diz Ipspe. **Valor Investe**. 30 set. 2021. Disponível em: <<https://glo.bo/2Y4co9U>> Acesso em 30/09/20201.



Desde 2018, as discussões virtuais incrementaram a polarização entre apoiadores de Jair Bolsonaro e de Lula<sup>7</sup>. Não que não haja outros espectros políticos, mas esses dois, pelo próprio desenho das pesquisas recentes sobre as eleições de 2022, lideram o lado conservador e o lado progressista respectivamente. Nos embates virtuais, declaradamente ou não, os acontecimentos atinentes ao coronavírus inflamam uma postura radical para um lado ou para o outro. Do lado mais conservador, toda e qualquer defesa à vacinação, por exemplo, é lida como “cerceamento da liberdade de ir e vir”. Do lado progressista, toda e qualquer desconfiança em relação aos protocolos de segurança ou questionamento a políticos que defendem certos protocolos é lida como negacionismo. Assim, um artista que, por exemplo, é a favor da vacinação, pode ser lido como negacionista se votou no Bolsonaro ou anulou voto em 2018, como defende o seguinte comentário: “Porra NEY, não pensava que você fosse tão idiota. A outra opção era votar num professor, honesto, inteligente, culto, não homofóbico, capaz. E vc preferiu se omitir. (...) Sinta-se culpado pelos mais de 500 mil mortos da pandemia, vc ajudou nisso”<sup>8</sup>.

A rejeição ao apartidarismo é um fenômeno mais ou menos generalizado que implica uma verdade sobre o posicionamento político moderado, a saber, que ele está, necessariamente, “do outro lado”. Não votou no Haddad, é de direita (fascista, conservador, neoliberal); não votou no Bolsonaro, é de esquerda (comunista). Essa verdade aplicada a figuras públicas – cantores,

---

<sup>7</sup> MORTARI, Marcos. Lula e Bolsonaro crescem na corrida presidencial e reduzem espaço para “terceira via”, mostra pesquisa Ipespe. **InfoMoney**. 30 set. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3a3GOf6>>. Acesso em 03/10/2021.

<sup>8</sup> Comentário à matéria do portal *Brasil 247* disponível em: <https://bit.ly/346HSQ6>

atores, intelectuais – é regulada pelo seguinte enunciado: **Se é X, então, Y**, em que X pode ser substituído por uma variante identitária e Y por um valor ou prática a ela atrelado. No caso concreto do qual partimos, **Se é gay, então, votou no Haddad; se não votou no Haddad, é negacionista, ignorante, fascista, etc.**

Apesar dos acontecimentos recentes, Ney Matogrosso sempre foi visto – até a nova onda moralista-identitarista – como um revolucionário. Sua manifestação é o seu “ser no palco” e não o proferimento eloquente de palavras de ordem ou adesões político-partidárias, conforme declarou reiteradamente em programas televisivos – como a participação no *Roda Viva*<sup>9</sup> – e entrevistas – como as concedidas à *RTP*<sup>10</sup>, à *Folha de São Paulo*<sup>11</sup>, ao *UOL*<sup>12</sup>, à *Mídia Ninja*<sup>13</sup> e à *BBC*<sup>14</sup>. A imagem do compositor nos comentários recentes ao “Qual era minha opção?” partia, direta ou indiretamente, de posições derivadas dessas entrevistas, já que a moderação do artista no plano político-partidário tem sido coerente ao longo da história. Sob esse prisma, a parcela dominante do discurso progressista apaga toda a trajetória contestatória do compositor e restringe sua posição ao pouco que, para a expectativa mais purista, ele “sai da linha”. Não é um pequeno grupo que discorda ou reprova, mas uma grande parcela que, em uníssono, projeta uma visão política identitário-progressista para o artista. E aqui, o “para” não é pouca coisa, já que se trata, efetivamente,

<sup>9</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2WDSjXA>. Acesso em 05/03/2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3DhlfhP>. Acesso em 05/03/2022.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3AmeGPn>. Acesso em 05/03/2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2WFoVAi>. Acesso em 05/03/2022.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3oFFM1k>. Acesso em 05/03/2022.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3oCafgT>. Acesso em 05/03/2022.



da delimitação do sujeito de seu exterior a partir de um movimento de massa orientado por posição político-partidária.

O discurso progressista opera em dois sentidos na medida em que reivindica o direito de verdade sobre o que o artista homossexual deve defender, por um lado, e, por outro, exige a representatividade um tanto idólatra segundo a qual o artista seria ou deveria ser uma espécie de “guia” das massas; o visionário que diz à massa em que ela deve acreditar.

Reich, ao lamentar a ascensão de Hitler na Alemanha, sistematiza esse ideal de “consciência de classe” dando-lhe a seguinte prospecção: “A aquisição da consciência de classe pelas camadas oprimidas da população é a primeira condição para uma transformação revolucionária do sistema social em vigor” (REICH, 1976, p. 12). Quando se acredita que o outro precisa ser guiado, terceiriza-se a responsabilidade de ser quem se é e assume-se o risco da condução. Nesse processo, o discurso progressista em sua forma identitarista apaga o sujeito enquanto potencialidade infinita de si nas determinações da história.

Quem seria responsável, então, por formar essa “consciência revolucionária” na massa? Os “dirigentes da revolução social” (REICH, 1976), que teriam uma visão “mais profunda” da sociedade. Em outras palavras, com alguma variação, professores, intelectuais, atores, artistas e toda a classe cultural “realmente” comprometida com “o povo”. É justamente aí que reside, para Foucault, o problema do marxismo e onde sua teoria fundamentalmente difere de qualquer teoria que defenda que o sujeito precisa ser moldado de fora por uma prática militantista.

Certas ideias do marxismo, que fundamentam os comentários críticos ao voto anulado de Ney, instauram uma visão mais fixa e determinista do





sujeito. A verdade é a verdade do marxismo – há uma guerra entre a classe operária e o empresariado e essa guerra só será vencida se as pessoas tomarem consciência de si pelo iluminismo militante; a verdade é a luta; a luta precisa ter uma frente única – todos juntos, pensando o mesmo, defendendo o mesmo, pois, ou você é patrão ou é empregado. A lógica, com alguma variação, é essa. Dizer “anulei meu voto”, para o partidarismo identitário, é uma quase heresia: “Como revelam as sagradas escrituras, os pecados são cometidos ‘por atos e omissões’. Logo, você, Ney Matogrosso, pecou, errou feio e ajudou com seu ato de omissão, (...) que o genocida viesse desgovernar o Brasil [...]”<sup>15</sup>.

A arte representaria a **boa**consciência política – à esquerda, com pacote completo de crenças e valores – e um certo entendimento crítico de um estado de coisas. O artista, portanto, não fala ou representa apenas o seu próprio ponto de vista, mas é “porta-voz” de uma “verdade maior”. Isso é mais ou menos difundido também na classe educacional, onde há um número considerável de professores e educadores para quem o objetivo da educação é representar o ponto de vista da classe oprimida.

Esse ponto de vista determina uma estrutura pré-concebida de valores considerados transgressores cujo fluxo ideológico corre para a existência em grupos de autorreconhecimento. Como descreve Wilson Gomes em um artigo escrito para a *Folha de S. Paulo*, essa tática de reconhecimento mútuo engendra uma sintonia ideológica por identidade: “O identitário está na política porque há uma iniquidade estrutural em que a identidade X é o lado mais fraco que precisa ser representado – ou a injustiça será perpétua”<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Comentário à matéria do portal *Brasil 247* disponível em: <https://bit.ly/346HSQ6>

<sup>16</sup> GOMES, Wilson. Automarketing identitário e a morte da crítica. *Folha de São Paulo*. 22 de jan. 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3rsMORg>>. Acesso em 05 fev. 2022.



São muitas as dificuldades para deslocar essas questões para o campo teórico, mas uma das evidências aqui é o potencial de grupos identitários na anulação da posição moderada – os termos para isso nos comentários variam de “alienado”, passando por “burro” até chegar ao nível mais baixo das palavras de baixo calão.

As artes estão intrinsecamente ligadas ao processo político e, quase sempre, participam de lutas libertárias. O curioso agora é que há um termômetro mais sensível, para além da arte, em que o político passa a validá-la ou, mais precisamente, a relativizar sua qualidade à luz da posição partidária do autor. Isso instaura um processo de sacralização do artista, entendido como “contraventor”, “subversivo”, “de esquerda”, “defensor do povo”, “herói das minorias” e, por último, de preferência, “eleitor do PT”. Em uma das postagens representativas desse posicionamento, lemos o seguinte comentário, postado pelo ator Zé de Abreu em seu *Twitter*: “Ney Matogrosso e Gabriela Duarte votaram em Siro no 1o turno e anularam no segundo: elegeram o genocida e nem foram para Paris!”<sup>17</sup>.

Há aí um argumento bastante razoável de que *quem não vota em A, elege B*. Razoável, mas não inquestionável, já que há também aí o pré-construído da rejeição à posição moderada. O **nem foram para Paris** é uma referência ao candidato Ciro Gomes, que, no segundo turno, recusou-se a apoiar o PT contra a extrema direita no Brasil. Quando se toma por óbvio que alguém deve fazer algo em função de uma validação ideológica, qualquer abertura para a constituição do sujeito enquanto autor de si mesmoresta

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://bityli.com/VwraL>

inviabilizada. É aí que, à luz de Foucault, não há muita diferença entre o discurso conservador e o progressista no Brasil.

A lógica da oposição radical em que, “se não for A, será B”, jogou o debate político no maniqueísmo e, como ser abertamente conservador ou progressista é a última fronteira da existência, tornou-se impossível – sem passar por algum tipo de censura simbólica– ser outra coisa, pois, quase tudo – inclusive biografias claramente contraventoras como a de Ney – fica reduzido à preferência partidária em que se instaura “[...] a glória de um grupo seletivo contra os poderes inimigos obscuros” (VOEGELIN, 2012, p. 154).

## **VERDADE Nº 2: O SUJEITO É POLÍTICO E O POLÍTICO É PARTIDÁRIO!**

*A significação normal das palavras em relação aos atos muda segundo os caprichos dos homens (TUCÍDIDES, História da guerra do Peloponeso, III, 82).*

A retomada da entrevista de Ney Matogrosso ao jornal *O Globo* em julho de 2021 tem algumas características que derivam da regulação discursiva própria a esse nicho ideológico. O primeiro aspecto a ser destacado é que, ao se referir à fala de Ney para *O Globo*, o veículo midiático de orientação progressista *Brasil 247* recorta, em sua manchete, um pequeno trecho da longa entrevista original.

Isso é relevante porque, para que o discurso projete o lugar do sujeito ideal, procedimentos materiais de texto são indispensáveis. Não há imposição sobre e para o sujeito que prescindia de linguagem. É na linguagem que a existência se dá. A redução da palavra do outro à parcialidade conveniente é uma autorrepresentação no próprio discurso, ou seja, o sujeito progressista é



dado como um *a priori* na medida em que o recorte da fala do outro limita a existência desse outro e passa a condicioná-la ao ensimesmamento velado do recorte. Por esse motivo –apesar de, ao final, o portal *Brasil 247* mencionar a crítica de Ney a Bolsonaro –, citamos o contexto mais amplo da entrevista em que o enunciado fonte da (des)construção do sujeito – **Qual era minha opção?** – emerge.

**Para onde você acha que o Brasil caminha?**

Não faço a menor ideia, espero que não seja para uma ditadura.

**Enxerga semelhanças com o Regime Militar brasileiro?**

Sim. Mas é diferente. (...) Agora, é um louco que resolveu... como é que pode pensar que a imunidade de rebanho é melhor que vacina? É um nível muito baixo de humanidade, uma falta total de empatia com o ser humano.

**Acha possível um artista se posicionar politicamente hoje?**

Um artista, não, qualquer pessoa. Qualquer cidadão que olhe o que acontece ao redor tem um pensamento crítico sobre isso. A questão do preconceito com os negros... É imperdoável! Por que estão tão interessados nos gays? Deixa os gays em paz!

**Quando você surgiu, apanhava da esquerda e da direita...**

Eu achava, ingenuamente, que a esquerda entenderia o serviço que eu estava prestando. Eu não tinha nenhum dom para pegar em armas, mas sabia que podia mexer com alguma coisa... E mexi. Tenho consciência de que mexi. Eu fui o pé na porta, não é isso? E sem pretensão de nada. O que eu queria era o direito de me expressar com liberdade. Não queria, como diz a música do Caetano, organizar o movimento. Eu só queria existir.

**Houve, então, uma decepção com a esquerda...**

Decepção? Não. Eu disse assim: “Ah, é? Não estão entendendo? Então, tchau, otários”. E foi o bloco do eu sozinho até que, com o passar do tempo, comecei a não estar mais sozinho.

**Hoje você se sente representado por alguma linha política?**

Não, nenhuma.

**Você declarou ter votado em Ciro Gomes em 2018. E no segundo turno?**

Anulei meu voto. Votei no Lula todas as vezes em que ele se candidatou, menos na última eleição.

**Se arrepende?**



De ter anulado? Eu não. Qual era a minha opção?

**Se a eleição fosse hoje, entre Lula e Bolsonaro, voltaria a votar no petista?**

Não sei, também me pergunto. Corre até o risco. Mas eu preferiria o Ciro. Falam do temperamento dele... Porra, prefiro mil vezes o temperamento do Ciro que o do outro (*Bolsonaro*). Pelo menos, Ciro é um homem preparado, intelectual, inteligente. Achei que erraram (*a esquerda*) quando não apoiaram o Ciro. No segundo turno, ele venceria o Bolsonaro. Como não se juntaram para não deixar Bolsonaro ganhar? É um erro imperdoável<sup>18</sup>.

A posição do cantor é claramente progressista. Não há qualquer adesão aos valores conservadores contra a homossexualidade, o direito de ir e vir ou de ser de cada um. O posicionamento contrário ao governo Bolsonaro e aos valores que lhe são próprios também é evidente quando o artista qualifica o atual presidente como “louco”, com “nível muito baixo de humanidade”. Indiscutivelmente, para o olhar moderado da razão, Ney não é um “nazista” ou um “fascista”, como sugerem algumas comparações feitas nos comentários, especialmente, no que faz um paralelo entre a condição do homossexual que não votou no Lula e aquela dos homossexuais que, supostamente, ajudaram Hitler: “Muitos homossexuais apoiaram e lutaram junto com Hitler... Depois, Hitler mandou assassinar covardemente todos eles! Sexualidade nunca foi questão de caráter!”<sup>19</sup>

A crença na onipresença do político desemboca na militância generalizada, em que tudo o que se faz no cotidiano, nos mínimos detalhes, deve ser a expressão do quanto se está engajado nas orientações de um partido. Nenhuma declaração ou observação sobre um estado de coisas do mundo passa sem um

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://glo.bo/3D6rzyD>

<sup>19</sup> Comentário à matéria do portal Brasil 247 disponível em: <https://bit.ly/346HSQ6>



“se esse governo for eleito, acabou para nós”! É a própria alienação tornada “conscientização” na medida em que tudo o que se passa no mundo é por culpa do “governo que aí está ou estará”. Contra a *doxa* neoliberal do “fim do Estado”, instaura-se a radicalidade do “Estado é tudo”. Por esse motivo, a existência é uma missão de convencimento. Convencer os pais, os irmãos, os amigos, a tia que vai na igreja, etc. a votar no candidato que garantirá a paz nacional, a opulência, a vida boa.

A constituição do sujeito nesses termos parte, obviamente, da certeza da verdade do partido de preferência. Trocando em miúdos, a esquerda julgará que suas posições, sejam quais forem, serão justificadas pelos mais nobres motivos, inclusive cancelamentos virtuais de artistas, professores e intelectuais não alinhados com suas propostas. A direita *idem*. Nisso, progressismo e conservadorismo têm algo em comum: consideram-se inquestionáveis e, aconteça o que acontecer, há sempre uma explicação relativizante para o que não corre tão bem no paraíso de sua fé:

Dessa perspectiva, para muitos intelectuais pós 68, a oposição comunista, as uniões e, mais tarde, a União da Esquerda (...) não eram menos problemáticas que o poder gaullista. Até certo ponto, ambas, esquerda e direita, eram vistas como funcionando na mesma lógica e substituindo certos mestres por outros<sup>20</sup> (Tradução nossa).

Se, no cotidiano, a vida se resume a eleger um governo, no plano mais prestigiado dos famosos, é impensável que um compositor – especialmente,

---

<sup>20</sup> *From this perspective, for many intellectuals after '68, the communist opposition, the unions and, later, the Union of the Left (the coalition of the French Communist Party, the Radical Party and the Socialist Party under the Common Programme) were no less problematic than the Gaullist power. To a certain extent, both Left and Right were seen as functioning within the same logic and replacing certain masters with others* (DEAN & ZAMORA, 2021, p. 40).



homossexual –, responsável ainda mais por guiar os rumos da política nacional, tenha anulado o voto. Como artista gay que é “Devia ter permanecido no silêncio omissivo, cúmplice<sup>21</sup>”. Ou então, “Nesse caso, o ‘Jovem Caquético do Pantanal’ exprimiu a liberdade de poder tirar o quepe da gaveta e o cacete da extremidade das vísceras, para poder aplaudir o ‘Turista de Paris’ [...]”<sup>22</sup>. A polarização torna o simples gesto – praticado há anos e também democrático, diga-se de passagem – de anular voto signo da Ditadura Militar. Aliás, são constantes as associações feitas por progressistas entre quem não votou no Haddad no segundo turno e o “fascismo” ou à ditadura. O próprio candidato Ciro Gomes, que é mais à esquerda que à direita, é visto pela ala majoritária dos progressistas como “[...] linha auxiliar do bolsonarismo<sup>23</sup>”. Em outro comentário sobre Ney Matogrosso, lemos: “O pai dele era milico. Falou mais alto o sentimento dele pelo pai nos anos de chumbo do medici, ustra e geisel. Afinal, durante a ditadura, pegaram leve com ele, filho de milico”.

### **VERDADE Nº 3: PRECISAMOS NOS UNIR!**

*A todos os solenes e de cenho franzido, ao menos a meu julgamento, a vida não é verdadeiramente vida, mas infelicidade (EURÍPIDES, Alceste, 800-802).*

A explicação marxista da sociedade parte de uma divisão entre o proprietário e o proletário. De um lado, os detentores dos meios de produção; de outro, os despossuídos. O mundo seria, basicamente, uma luta constante

<sup>21</sup> Comentário à matéria do portal Brasil 247 disponível em: <https://bit.ly/346HSQ6>

<sup>22</sup> Comentário à matéria do portal Brasil 247 disponível em: <https://bit.ly/346HSQ6>

<sup>23</sup> Comentário à matéria do portal Brasil 247 disponível em: <https://bit.ly/346HSQ6>



do proletariado contra o patronado. Uma das dificuldades nesse processo é a falta de coesão dos próprios proletários que, isoladamente, são fracos, mas unidos, são fortes e podem destituir os patrões para consolidar uma nova forma de sociedade. Assim, é recorrente no pensamento marxista que deve haver uma união entre os mais fracos para que possam subverter a ordem vigente. Isso só será possível se essa camada despossuída for dotada de “consciência de classe”, ou seja, que o grande conjunto do proletariado se reconheça como igual em sua proletariariedade: “Dentro dessa antítese o proprietário privado é, portanto, o partido *conservador*, e o proletário o partido *destruidor*. Daquele parte a ação que visa a manter a antítese, desse a ação de seu aniquilamento” (MARX & ENGELS, 2011, p. 48).

Foucault rejeita o projeto marxista de circunscrição do sujeito ao Estado e à luta de classes. Por extensão, ele também não adere ao intelectual orgânico à moda gramsciana. É paradigmático, especialmente após a Ditadura Militar brasileira, uma categorização dos artistas em “engajados” e “não engajados”. Naquele momento histórico, Ney Matogrosso dificilmente seria visto como reacionário ou “isentão”, tal como depreendemos nos comentários recentes. Compositores como Chico Buarque, por exemplo, cabiam (KOGAWA, 2018) – e ainda cabem – muito bem na concepção gramsciana do intelectual orgânico:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político [...] (GRAMSCI, 2000, p. 15).





No caso de artistas como Chico, Caetano e outros, há uma correspondência linear entre o guia das massas, o discurso progressista e o alinhamento a partidos políticos de esquerda. Chico, Caetano, etc., nesse sentido, compõem com a militância organizada. Alguns dirão que eles “são coerentes” com sua posição de formadores de consciência – ou, que têm “consciência de classe”. Mais do que uma decisão individual ou preferência pessoal dos artistas, está em jogo o funcionamento do discurso progressista. Há, previamente determinada, uma estrutura de regras anônimas à luz das quais artistas, intelectuais e formadores de opinião devem se inserir no mundo. Isso compõe uma terceira verdade do discurso progressista: “devemos nos unir”.

Já demonstramos em outro lugar (KOGAWA & MAZZOLA, 2021) o quanto esse efeito de coesão é frágil ante as contradições do próprio discurso. A união – ou a “frente única” (REICH, 1976) – é uma verdade tão funcional no interior do progressismo quanto utópica. Não há como, no interior mesmo de um grupo, todos pensarem e defenderem os mesmos ideais e valores. Aliás, à luz de Foucault, o caminho para uma postura realmente revolucionária implica certa solidão teórica e certa disposição em viver por desidentificação. O ceticismo é a melhor saída para o sujeito ante o próprio conjunto das determinações históricas e, nesse sentido, “O intelectual não tem mais que desempenhar o papel daquele que dá conselhos. (...) de maneira alguma dizer: eis o que vocês devem fazer!” (FOUCAULT, 2001, p. 151).

Em uma roda de conversa com estudantes na Escola de Estudos Superiores de Claremont, nos EUA, Foucault defende que

[...] devemos ser muito modestos nos eventuais usos políticos do que dizemos e fazemos. Não acho que exista uma filosofia conservadora



ou uma filosofia revolucionária. A revolução é um processo político e econômico. A revolução não é uma ideologia filosófica. (...) Nietzsche produziu ideias maravilhosas, ferramentas, se preferir. O Partido Nazista se serviu delas. Hoje, muitos pensadores de esquerda o usam. Não podemos garantir que o que dizemos é revolucionário ou não<sup>24</sup> (Tradução nossa).

Temos o direito e o dever de construirmos nosso ser dentro das condições históricas de que dispomos. Conhecedor de Foucault ou não, Ney é efeito de um discurso libertário que leva isso à risca desde a Ditadura Militar. Afinal, de que adianta libertar-se da Ditadura Militar e entregar-se ao imperativo identitário? O primeiro critério para isso é nos abirmos ao pensamento como realidade distinta daquela da militância e isso, em tese, afasta certos militanismos. Trata-se do uso da arqueogenealogia como crítica à instrumentalização do pensamento pela política, pois, na instrumentalização morre o potencial reflexivo sobre nós mesmos; nossa existência passa a ser gerida exclusivamente de fora, como se fôssemos – um pouco como na religião – devotos e fieis defensores de uma ideologia política. Isso atrela o subversor ou o revolucionário a manifestações acompanhadas da carteirinha do partido. Nesse funcionamento padrão, o próprio modo de vida como símbolo da recusa a determinados modelos sociais vale menos do que o “grande ato revolucionário” de votar em um partido.

---

<sup>24</sup> [...] nous devons être très modestes sur les éventuel sus ages politiques de ce que nous disons et de ce que nous faisons. Je ne pense pas qu'il existe, mettons, une philosophie conservatrice ou une philosophie révolutionnaire. La révolution est un processus politique, c'est un processus économique. La révolution n'est pas une idéologie philosophique. (...) Nietzsche a produit des idées merveilleuses, des out ils si vous préférez. Le Parti nazi s'en est servi. Aujourd'hui, nombre de penseurs de gauche l'utilisent. On ne peut pas avoir l'assurance que ce que l'on dit soit révolutionnaire ou non (WADE, 2021, pp. 106-107).



## QUE OPÇÃO NÓS TEMOS?

*A sabedoria é a única que afugenta a tristeza do nosso espírito, e que não nos permite render-nos ao medo (CÍCERO, Do sumo bem e do sumo mal, I, XIII).*

A reivindicação progressista do direito de “ser o que quiser” impõe o peso de ser um só. Nesse sentido, é um autoritarismo legitimado pela própria reivindicação do direito de liberdade. Considerando que os comentários sobre a anulação de voto se deram em função do discurso progressista – no plano político, o erro foi o cantor não ter votado em Haddad –, concluímos que o “desvio moral e ético” de Ney Matogrosso, apesar de todas as justificativas, foi não ter votado no PT. A cortina de fumaça das explicações é relativamente bem feita, mas quando a poeira baixa, é o sentimento amargo da derrota que motiva as falas. É verdade que foi uma derrota para todos os brasileiros – ainda que muitos não o reconheçam –, mas, especialmente, para os que fazem de suas vidas uma existência político-partidária – como sujeitos, apesar das limitações a que estamos submetidos, é preciso ser mais. E como uma derrota parece sempre exigir a procura por culpados, caça-se Ciro Gomes, Ney Matogrosso e tantos outros.

No entanto, isso é apenas a manifestação prática de uma verdade – ou conjunto de verdades – categórica sobre o que o sujeito deve ser na mentalidade progressista. Se é gay, tem que confessar que é, assumir a bandeira, portar o estandarte, repudiar a família tradicional e votar na esquerda. Essa opção partidária torna-se relevante na medida em que Ney não disse que votou no candidato de extrema direita, mas que anulou o voto. Em outras palavras, “ou fecha com a gente ou é ignorante, mau-caráter, traidor” e, dependendo do caso, “inimigo”. Cabe ressaltar que não temos nada contra votar no PT



ou contra o próprio PT. É um partido político como tantos outros, com erros e acertos. Nossa reflexão vai no sentido de desnudar, à luz de Foucault, que o sujeito reduzido à militância impõe um padrão inatingível, impraticável e aprisionante de identificação. E isso é singularmente preocupante, já que, em tese, o pensamento progressista se apresenta como aberto, disposto a aceitar as diferenças e a incorporar as contradições.

Na ânsia por liberdade, o moralismo contra um suposto conservadorismo – *a priori*, “do mal” e “de direita” – instaura, para o sujeito, uma única posição política possível, sem o que ele passa a ser “réu” por falta de “consciência identitária”. O argumento de que artistas e figuras públicas têm poder de intervenção por seu prestígio social torna-se uma imposição ético-moral fundamentada na ideia de consciência de classe: “Em nome da liberdade de sua classe identitária, você deve falar e agir assim”.

A opção de liberdade hoje, no Brasil, é, em primeiro lugar, sair de grupos de direita e de esquerda. Isso implica alguma solidão, mas a reflexão e a razão, em geral, exigem isso mesmo. Quem quer encarar nossas condições históricas dentro de um idealismo racional – sim, porque toda posição é apoiada por algum tipo de ideal de vida – não se dá muito bem com os radicalismos progressista e conservador. Mesmo o discurso progressista, que prega abertamente a liberdade e os direitos do sujeito sobre seu próprio corpo e sobre sua própria vida, impõe suas obrigações e seu grau de religiosidade. A racionalidade, embora guarde relações profundas com o político, não é escrava de partidos. É urgente desvencilharmo-nos disso. É preciso não ter medo de se negar a rezar em cartilhas!

A obra de Foucault, desse ponto de vista, só pode ser apreendida por um espírito livre do identitarismo, das homogeneizações, dos padrões



preestabelecidos ou em construção. Esses padrões existem tanto na “esquerda progressista” quanto na “direita conservadora”: “[...] tantas coisas em sua linguagem já lhes escaparam: eles não querem mais que lhes escape, além disso, *o que dizem*, esse pequeno fragmento de discurso (...) cuja débil e incerta existência deve levar sua vida mais longe e por mais tempo” (FOUCAULT, 2004, p. 236, grifo do autor).

## REFERÊNCIAS

AGOSTINE, Cristiane. Bolsonaro bate novo recorde de rejeição e chega a 55%, diz Ipespe. **Valor Investe**. 30 set. 2021. Disponível em: <<https://globo/2Y4co9U>> Acesso em 30/09/2021.

BAPTISTA, Rodrigo. Redes sociais influenciam voto de 45% da população, indica pesquisa do DataSenado. **Senado notícias**. 12 dez. 2019. Disponível em:<<https://bit.ly/2YfbGqB>>. Acesso em 03/10/2021.

CÍCERO, Marco Túlio. **Do sumo bem e do sumo mal**. Tradução de Carlos Nougué. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

DEAN, Mitchel & ZAMORA, Daniel. **The lat man takes LSD: Foucault and the end of revolution**. London/New York: Verso, 2021.

EURÍPIDES. Alceste. Tradução de Clara Crepaldi. In: EURÍPIDES. **Alceste. Heraclidas. Hipólito**. São Paulo: Martin Claret, 2017. pp. 23-82.

EURÍPIDES. Heraclidas. Tradução de Clara Crepaldi. In: EURÍPIDES. **Alceste. Heraclidas. Hipólito**. São Paulo: Martin Claret, 2017. pp. 83-132.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**. Curso no Collège de France (1980-1981). Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.



FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe B. Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

GOMES, Wilson. Automarketing identitário e a morte da crítica. **Folha de São Paulo**. 22 de jan. 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3rsMORG>>. Acesso em 05 fev. 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: volume 2. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOGAWA, João. **Vozes em fragmentos na poesia de Chico: uma arquitetura polifônica?** Rio de Janeiro: Multifoco, 2018.

KOGAWA, J.; MAZZOLA, R. A construção midiática do preconceito: um caso de contradição no jornalismo esportivo. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-13, jan./abr. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETL2113225

LILLA, Mark. **O progressista de ontem e o do amanhã**: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

MAGALHÃES, Anderson & KOGAWA, João. **Pensadores da Análise do Discurso**: uma introdução. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2019.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. **A sagrada família**: ou a crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e seus consortes. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORTARI, Marcos. Lula e Bolsonaro crescem na corrida presidencial e reduzem espaço para “terceira via”, mostra pesquisa Ipespe. **InfoMoney**. 30 set. 2021. Disponível em:<<https://bit.ly/3a3GOf6>>. Acesso em 03/10/2021.

REICH, Wilhelm. **O que é a consciência de classe?** Porto: Edição H. A. Carneiro, 1976.



TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. 4.ed. Brasília: Editora da UNB, 2001.

VOEGELIN, Eric. **História das ideias políticas Vol. I: Helenismo, Roma e cristianismo primitivo**. São Paulo: É Realizações, 2012.

WADE, Simeon. **Foucault enCalifornie: unrécit**. Paris: Zones, 2021.